

## À PROCURA DE OUTRAS MASCULINIDADES: ENTRELAÇAMENTO ENTRE GÊNERO, MASCULINIDADES E FEMINISMOS NOS GRUPOS DE HOMENS DO DF

Alberto Luís Araújo Silva Filho

*Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UnB. Bolsista CNPq.  
albertosilvaterra@hotmail.com<sup>1</sup>*

*Simpósio Temático n. 01 – “MENINOS VESTEM AZUL”: A PERMANÊNCIA DA IMPORTÂNCIA DOS ESTUDOS DA (S) MASCULINIDADE (S) PARA AS CIÊNCIAS SOCIAIS*

### RESUMO

O presente artigo apresenta parte dos resultados obtidos via realização de uma dissertação de mestrado em Sociologia que objetivou discutir a relação entre a formação de grupos de homens de cunho terapêutico e de discussão crítica a respeito das masculinidades no Brasil e a agenda política de grupos feministas que têm convergido entre si, em meio a bandeiras diversas, na luta pela igualdade de gênero. Tais iniciativas dos homens, relativamente recentes, vêm se apresentando desconstrutivas frente aos padrões sexistas socialmente internalizados, os quais são replicados de diferentes formas no exercício da dominação masculina em uma longa tradição temporal. A realização da pesquisa contou com a coleta de dados realizada por meio de entrevistas com roteiro semiestruturado no intuito de captar as narrativas de lideranças desses grupos, principalmente a respeito das suas motivações; trajetórias biográficas e visões sobre o(s) movimento(s) feminista(s) e da possibilidade da participação dos homens em causas feministas; um survey a fim de identificar o perfil dos homens que integram esses espaços, e também com a observação direta de grupos de Whatsapp ligados aos grupos masculinos.

**Palavras-chave:** gênero; masculinidades; feminismos.

### ABSTRACT

This article presents part of the results obtained through the completion of a master's thesis in Sociology that aimed to discuss the relationship between the formation of therapeutic groups of men and critical discussion about masculinities in Brazil and the political agenda of feminist groups that have converged with each other, amid different banners, in the struggle for gender equality. Such relatively recent initiatives by men have been shown to be deconstructive in the face of socially internalized sexist patterns, which are replicated in different ways in the exercise of male domination in a long temporal tradition. The research was carried out through data collection carried out through interviews with a semi-structured script in order to capture the narratives of the leaders of these groups, especially regarding their motivations; biographical trajectories and views on the feminist movement(s) and the possibility of men's participation in feminist causes; a survey in order to identify

---

<sup>1</sup> Doutorando em Sociologia pela Universidade de Brasília, sendo bolsista pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Endereço de e-mail: albertosilvaterra@hotmail.com.

the profile of the men who make up these spaces and also with direct observation of Whatsapp groups linked to male groups.

**Keywords:** gender; masculinities; feminisms.

## INTRODUÇÃO

Um dos principais obstáculos ao estudar os grupos de homens concerne ao ineditismo do tema na produção acadêmica brasileira. Durante os meses de pesquisa, cheguei a ouvir de um dos meus entrevistados e de um interlocutor que o meu trabalho seria “pioneiro”. Embora essas iniciativas com o público masculino existam no país desde a década de 1990, os trabalhos até agora publicados tem focado, dentro dos estudos nacionais sobre masculinidades, nos grupos com homens que respondem a processos por práticas de violências contra a mulher. Com isso, estive na condição de recorrer à literatura produzida nos países anglo-saxões sobre o tema, que em muitos casos pouco ou nada dialogam com a realidade brasileira, haja vista que em nosso contexto as desigualdades de gênero se encontram ainda mais acentuadas do que nos países do Norte global, bem como há questões próprias do racismo e classismo no país. Há ainda as diferenças históricas: as organizações “masculinas” começaram a emergir nos EUA, Canadá e Austrália logo ao início da década de 1970, enquanto no Brasil esse processo só aconteceu a partir da primeira metade dos anos de 1990 quando já existiam trabalhos em língua inglesa refletindo as experiências dos movimentos de homens. Diante desse *gap* em relação aos estudos sobre os grupos aqui abordados, foi a partir dos trabalhos da/os socióloga/os Raewyn Connel, Michel Kimmel, Michael Kaufman e Michael Messner, produzidos há aproximadamente duas décadas atrás, que comecei a me situar em relação ao tema.

A princípio, a relação entre as lutas feministas e os movimentos “masculinos” possui um caráter histórico. Provocados pelas ativistas da década de 1960, alguns homens decidiram se organizar para pôr em questão, de maneira crítica ou afirmativa, o exercício das suas masculinidades. Essas organizações masculinas se expressaram das mais diferentes maneiras: por meio de movimentos de homens pela liberação feminina e pelos direitos das mulheres; em grupos que buscavam uma ressignificação espiritualizada ou mesmo terapêutica das masculinidades; e através do resgate da masculinidade branca ou patriarcal em grupos de homens cristãos (KIMMEL, KAUFMAN, 1993). Também emergiram a partir dessa época movimentos de homens em busca de uma paternidade ativa e contra a violência praticada sobre as mulheres. Com repertórios distintos de ação, esses grupos se concentraram inicialmente na América do Norte, região na qual começaram a ser realizadas as

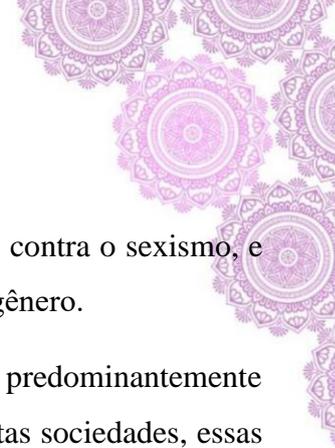
primeiras pesquisas sobre masculinidades, mostrando a sintonia existente entre reflexão intelectual e intervenção social.

Olhando especificamente para posições mais “desconstrucionistas”, as primeiras conferências e reuniões de homens que se nomeavam e viam a si como antissexistas aconteceram na década de 1970 nos EUA. Faziam parte de uma reação masculina ao avanço do feminismo, que se refletiu tanto nos homens que eram favoráveis às demandas das mulheres quanto naqueles que reagiam ao progressismo e se viam oprimidos na escala social: os chamados “masculinistas”. Embora não tenham se constituído enquanto movimentos sociais, esses grupos antissexistas deram origem a importantes organizações como a *Men Engage*, na década de 1990, uma rede internacional de homens que se engajam na promoção de iniciativas à equidade de gênero, além de outras conexões de homens pró-feministas pelo mundo<sup>2</sup>. No Brasil, a maior expressão dessas iniciativas é a *RHEG – Rede de Homens pela Equidade de Gênero*, formada por: Instituto Papai, Instituto Promundo e Instituto Noos, nascidos na década de 1990. Ainda que não sejam universalmente pró-feministas, como tais iniciativas masculinas antissexistas, são muitos os grupos de homens que trazem olhares bastante críticos ao machismo.

A “reação” dos anos 70, entretanto, não pode ser resumida à dicotomia entre homens favoráveis e contrários aos feminismos. Há nuances que indicam que em alguns casos os posicionamentos masculinos se mostravam diluídos. A teórica Raewyn Connell (1995) apontara que as políticas de masculinidades do Norte global no período foram marcadas por quatro grandes núcleos: o movimento da liberação gay, o *lobby* das armas, as terapias de masculinidades e as políticas de transformação ou saída (CONNELL, 1995). O movimento gay denunciava a masculinidade convencional como fonte de opressão a homens que não se encaixavam em seus padrões. Boa parte desse movimento, levado a frente por *bichas* pretas, *drags* e travestis nas costas leste e oeste dos EUA, foi significado a partir do enfrentamento do HIV/AIDS; já o *lobby* das armas, expressão do anti feminismo, se fortaleceu como tendência na política, na cultura e nos negócios por meio da exaltação da violência e do militarismo; enquanto isso as políticas de transformação ou saída visavam à liberação dos homens e a busca da equidade nas arenas públicas e privadas. Tratava-se de homens

---

<sup>2</sup> Em 2008, a Divisão para o Avanço das Mulheres da ONU lança o relatório *The role of men and boys in achieving gender equality*, que reunia conclusões sobre o engajamento dos homens na conquista da equidade de gênero (CONNELL, 2016). Atualmente por parte dessa organização, há a campanha #HeforShe.



heterossexuais dispostos a se engajarem no cuidado doméstico, organizando-se contra o sexismo, e em processos “recuperação” psicológica que se contrapunham às incertezas de gênero.

Com exceção das políticas de transformação ou saída, o caráter era predominantemente conservador. Ao invés de visar à desconstituição do modelo de gênero em muitas sociedades, essas políticas reforçavam a distinção entre a masculinidade e o que se encontra fora dela. Em um mundo em que as mulheres ganhavam voz, homens sentiam suas identidades em risco. Como firmar o seu papel de provedor e chefe da casa quando filhos/as ou a esposa ousam levantar a voz? Além do mais, os grupos de homens, em seu sentido inicial, surgiram como propostas para tentar ajudar homens, predominantemente brancos e de classe média, a se situar em meio a comportamentos e hábitos que se transformavam repentinamente<sup>3</sup>.

Em meio a essa pluralidade, os posicionamentos masculinos sobre a luta das mulheres sempre foram e ainda hoje são distintos. Se conectar com o “masculino” não necessariamente envolve repensar as relações de gênero. Por isso não é possível afirmar, de maneira generalizável, que além de possuírem uma relação histórica, os feminismos e os grupos de homens estejam articulados. Conforme Michel Kimmel e Michael Kaufman (1993), uma das correntes expressivas dos movimentos “masculinos”, mais conhecidos como mitopoiéticos, ajudou a reproduzir noções que reforçam a dominação masculina sobre as mulheres. Ao defender a segregação entre homens e mulheres (a partir da ideia de “irmandade”) e a promoção de rituais de iniciação provenientes de culturas nas quais o poder feminino era mínimo, certos grupos reforçaram e reforçam práticas que colocam a figura do “homem” no centro. Ademais, a busca pelo “guerreiro interior” e pelo “sagrado masculino” reforça a ideia de que homens e mulheres são duas espécies fundamentalmente diferentes, caindo no essencialismo<sup>4</sup>.

## A estruturação do campo

Para me situar melhor em relação ao meu objeto de estudo, comecei a buscar na internet quantos e quais eram os grupos de homens no DF, região escolhida para o recorte. Comecei a minha pesquisa no site *Papo de Homem*, portal da internet com milhões de visualizações anuais que pauta -

---

<sup>3</sup> Cf. Connell (1995)

<sup>4</sup> Embora critiquem os movimentos mitopoiéticos, Kimmel e Kaufman ressaltam que possuem a vantagem de conectar emocionalmente homens, rompendo com uma barreira patriarcal de isolamento (KIMMEL, KAUFMAN, 1993).

inclusive em parceria com a ONU Mulheres - outras possibilidades do "masculino". Conforme o mesmo existem 129 iniciativas, projetos e pessoas mapeados que trabalham com "a transformação dos homens, no Brasil e no mundo" (VALADARES, 2019). Nesse mapeamento em específico e levando em conta apenas o cenário dos grupos brasileiros, tem-se um total de 30 encontrados: 15 no estado de São Paulo, 03 no estado do Rio de Janeiro, 03 no estado de Santa Catarina, 01 no estado de Minas Gerais, 01 no estado de Pernambuco, 01 de cobertura nacional e 05 no Distrito Federal. Partindo do pressuposto de que certamente foram muitas as iniciativas não incluídas pelo portal, a partir dessa referência fui buscar outros grupos para os quais deveria me atentar ao longo de processo de pesquisa. Iniciei assim o meu mapeamento com os 05 nomes do DF disponibilizados nesse site e logo depois, a partir de uma consulta nas redes sociais Facebook e Instagram e no endereço *web* do principal grupo de homens da região, descobri outras iniciativas. O número de grupos, então, saltou para 13. Tendo uma lista desses nomes, obtive os contatos dos coordenadores e representantes das iniciativas através das redes sociais. Por meio de uma consulta preliminar com eles – feita por *whatsapp* ou email pessoais – obtive algumas informações importantes sobre os grupos.

Entre os meses de abril e maio realizei as seguintes questões aos meus contatos: “01 – qual o mês e ano de criação do grupo?; 02 – qual a proposta (objetivo) do grupo?; 03 – qual o público alvo do grupo?”. Responderam a essa consulta preliminar os coordenadores/representantes das iniciativas que constam na tabela abaixo. Não obtive o contato de um dos grupos que, ao contrário dos demais, era o único que não possuía uma página institucional na rede social Facebook onde, em geral, eu realizava o primeiro contato com as iniciativas. Com isso não preenchi as informações sobre essa iniciativa, ainda que a mesma conste na lista de grupos de um sites que serviu como fonte de buscas (sem descrição ou contato e com um link que me redirecionou para um site sobre xamanismo, o que me fez supor que o grupo trabalha a partir dessa matriz). As informações obtidas inicialmente foram compiladas na tabela abaixo:

### Mapeamento dos grupos de homens em Brasília

Nome do grupo	Objetivo	Mês e ano de criação
Grupo 01	Realizar encontros e vivências que tenham como propósito observar, sentir, refletir e construir novas masculinidades, baseado em outras iniciativas.	Junho 2017



Grupo 02	Encontros abertos ao redor do fogo sagrado, uma vez ao mês, em dias próximos a noite de Lua Cheia.	2017 – mês não especificado
Grupo 03	Não identificado	Não identificado
Grupo 04	Proposta terapêutica que ambiciona criar espaço de escuta, cumplicidade e confiança entre homens. Ambiente seguro de partilha e troca de experiências. Um lugar para refletir sobre o que é e como é ser homem nos dias de hoje.	Abril de 2011
Grupo 05	Proposta terapêutica de resgate da essência do masculino, realizada por meio de uma série de encontros temáticos – ciclos de reencontro dos homens consigo mesmos – e ritos de passagem.	1993 – mês não especificado
Grupo 06	Possui como objetivo ressignificar o conceito de “homem”, questionando os significados do “masculino” em nossa sociedade. Procura integrar em seus debates e atividades os temas da “feminilidade”, da “fraternidade” entre homens e da ancestralidade masculina.	2015 – mês não especificado
Grupo 07	Criação de um espaço de fala e escuta entre homens no que tange a assuntos do universo masculino. Atividades envolvem depoimentos individuais, palestras e meditações.	Março de 2019
Grupo 08	Apoiar homens no processo de autoconhecimento e de tomada de consciência dos aspectos que estão por trás dos problemas existenciais, emocionais, psíquicos e até quotidianos (relacionamentos, problemas com profissão, emprego, sustento, etc.) e por meio das Constelações Familiares Sistêmicas.	Agosto de 2018
Grupo 09	Promover vivências terapêuticas e rodas de conversas sobre temas da masculinidade contemporânea, por meio de técnicas de psicoterapia corporal, artes marciais, comunicação não violenta e protocolos de sexualidade masculina. Visa ressignificar os padrões de masculinidade.	Junho de 2019
Grupo 10	Encontros psicoterapêuticos em grupo cujos fundamentos se encontram na Análise Bioenergética e na Psicologia, visando maior autoconhecimento dos participantes, inclusive dos seus corpos	Fevereiro de 2019
Grupo 11	Espaço de partilhas, trocas e fortalecimento de e para homens negros	Agosto de 2018
Grupo 12	Criar espaços de comunicação, educação e cuidado entre os homens. Faz parte do projeto Masculinities	2017 – mês não especificado
Grupo 13	Ajudar cada homem a se conectar com o seu eu real, para além de máscaras e idealizações, com o auxílio da Core Energetics, abordagem da psicoterapia corporal, e das	Fevereiro de 2020



	práticas taoistas Chi Kung de conexão com a energia vital.	
--	--	--

Fonte: elaborado pelo autor (2020)

Ao todo realizei seis entrevistas, abarcando cinco dos treze grupos inicialmente mapeados no período de julho a agosto de 2020. Foram entrevistados os representantes dos grupos: 01, 11, 10, 09 e 07. A segunda entrevista foi realizada com um outro participante do 01, totalizando seis, sendo duas relativas ao mesmo grupo<sup>5</sup>. Para evitar que o material colhido excedesse as propostas de economicidade necessárias a um trabalho de dissertação, interrompi a coleta de dados na sexta entrevista, levando em conta a adoção do método quantitativo dos questionários<sup>6</sup> e de mais um método qualitativo colocado em prática a partir do mês de julho: a observação participante dos grupos de *whatsapp*. No presente resumo, trago uma síntese das respostas de três dos seis entrevistados: o primeiro, representante de um grupo voltado para todos os públicos masculinos; o segundo, representante de um grupo voltado para homens negros; e o terceiro, representante de um grupo voltado para homens homoafetivos. As respostas abordam a questão central dessa pesquisa: a possível inter-relação entre as agendas feministas e as agendas dos grupos de homens.

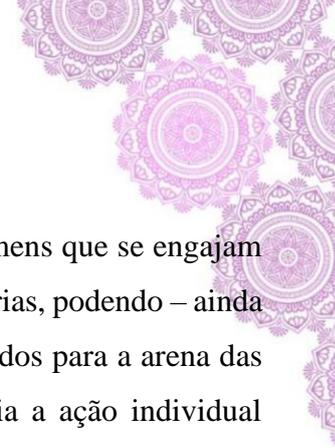
## DESENVOLVIMENTO

Os grupos de homens recorrem a diferentes arsenais discursivos para abordar o “masculino” – seja sob as chaves psicológica, religiosa ou holística. Através dessas diferentes perspectivas, os homens são vistos como sujeitos de iniciações, “redescobertas” do corpo e do “eu”, ou mesmo de processos pautados em conversas abertas que, com o decorrer do tempo, vão fazendo com que esses revisem práticas e comportamentos generificados e consolidados em processos de socialização anteriores. Essas práticas e comportamentos, ainda que atravessadas por recortes de raça, classe e orientação sexual, encontram na rejeição ao feminino um ponto de convergência como tem atentado alguns dos teóricos dos estudos sobre masculinidades.

---

<sup>5</sup> O objetivo aqui era ter uma dupla visão (do conselho diretor e de um participante) de como funcionava o 01, haja vista esse se tratar de uma iniciativa que congrega centenas de participantes, ao contrário das demais iniciativas, mais restritas, e que também existe como espaço de articulação dos demais grupos.

<sup>6</sup> Os questionários foram aplicados no interior dos grupos de *whatsapp* observados após 30 dias de permanência nesses espaços e contiveram nove questões



Provocados desde cedo a silenciar sobre si e sobre os seus pares, os homens que se engajam nesses grupos encontram nos mesmos dimensões de reconstrução de suas trajetórias, podendo – ainda que isso não esteja verificado até aqui – repassar os aprendizados ali incorporados para a arena das amizades, das relações familiares e dos ambientes de estudo e trabalho. Seria a ação individual mostrando uma janela de impactos para a ação coletiva. Logo, dentro dos seus limites, os grupos de homens gerariam fissuras no modelo de masculinidade hegemônica na medida em que as modalidades de ação e de diálogo que se dão nesses espaços vão de encontro ao enrijecimento que a representação do “macho” a ser incorporado pelos indivíduos identificados com o “masculino” traz, enquanto imagem de controle que perpassa os gêneros binários socialmente instituídos.

Ainda que os primeiros grupos de homens tenham emergido em paralelo à ascensão obtida pelos movimentos feministas nas décadas de 1960 e 1970, remetendo a uma longa tradição, é somente nos últimos anos que vem emergindo uma série de grupos de homens, principalmente em grandes cidades como São Paulo, Brasília e Rio de Janeiro, com o objetivo de revisar criticamente comportamentos machistas que seriam prejudiciais aos próprios homens. Frente a esse fenômeno sociológico, coube a essa pesquisa investigar – dentro de um recorte temporal e geográfico específico, e de maneira remota – a existência de possíveis afinidades sócio políticas entre as iniciativas abordadas e as agendas políticas dos feminismos hodiernos.

### **A questão feminista sob o olhar dos homens entrevistados**

Durante as entrevistas, foram realizadas aos representantes e coordenadores das iniciativas quatro questões diretamente relacionadas à temática dos feminismos. São elas: 1 – “Levando em consideração o debate sobre masculinidade/s que está presente nos grupos críticos ao machismo, você tem conhecimento do movimento feminista, que é plural, e das pautas por ele representadas? Se sim, quais são as que te chamam mais atenção e por quê?”; 2 – “Como você, enquanto um sujeito que se identifica com o gênero masculino e funda/organiza/conduz um grupo de masculinidades, se posiciona em relação ao/s feminismo/s?”; 3 – “Há alguma relação entre as atividades e debates realizados pelo grupo e pautas desse/s feminismo/s? Se sim, quais?”; 4 – “Em sua opinião, quais as contribuições que o/s feminismo/s têm a dar para os homens?”. Sobre ações que poderiam estar ligadas aos feminismos indiretamente, mais uma questão presente no roteiro: 5 – “Como o grupo de homens discute e atua na desconstrução das desigualdades entre os gêneros?”.



## Entrevista I

Ao tratar da primeira questão desse bloco, meu primeiro entrevistado – membro do conselho diretor do maior grupo de homens do DF – afirmou ter conhecimento do movimento feminista e reconhecer a sua importância, embora tenha reconhecido que o grupo o qual participa esteja voltado antes e sobretudo para as demandas masculinas. Entretanto, aquilo que se busca na iniciativa, o respeito mútuo, é algo que seria convergente com os objetivos das ativistas feministas. Seguindo a toada de outras iniciativas, o grupo se furta em discutir questões políticas ou sociais e tem como grande foco a abordagem “terapêutica” das inquietações trazidas pelos participantes.

Sobre a relação das atividades do grupo com as agendas feministas, João disse que vez ou outra, quando se debatem questões como sexualidade e pornografia, problematizações a respeito do “feminino” emergem nos diálogos travados. Afinal, a constituição das masculinidades passa pela objetificação intensa do corpo das mulheres. De maneira geral esses debates não são programados. Eles vão surgindo conforme o “calor do momento” tanto nos grupos de *whatsapp* quanto nas reuniões presenciais. Ainda sobre o tema da pornografia, João relatou que mesmo nos grupos de *whatsapp* existem restrições quanto à circulação de imagens de mulheres nuas já que a produção de um “masculino mais saudável” passa necessariamente pela superação de comportamentos machistas como a difusão de materiais pornográficos, que também geram prejuízos aos homens. Nesse sentido, ainda que as reivindicações feministas entrem em conta, os temas costumam ser deslocados para aquilo que afeta os participantes na sua “masculinidade”.

## Entrevista II

Ao longo dessa entrevista, com representante de um grupo voltado para homens negros, peculiaridades em torno dos feminismos foram se apresentando. Inicialmente, foram expostas expôs noções mais superficiais ou distantes acerca do que se entende pelos movimentos feministas, para posteriormente associar as lutas das mulheres ao mulherismo africano e ao feminismo negro, o que se encaixa no próprio ritmo da entrevista que girou em torno das questões raciais. Sobre o seu posicionamento pessoal em relação aos feminismos, ele disse que a postura ideal de um homem deve ser de apoiador ou pró feminista: “Eu penso que o (...) meu lugar no movimento feminista ele deve ser de apoiador. Ele deve ser um pró feminista, digamos assim né” (Entrevista realizada em

25/07/2020). Ele fez questão de ressaltar também, e mais uma vez, como as estruturas de gênero estão transpassadas pelas estruturas de raça.

Sempre que citava “homens” e “mulheres”, o entrevistado não os pensava enquanto categorias neutras ou universalizantes. “Homens” e “mulheres” aqui tem cor. Portanto, ao se referir a terceiros ao longo das suas falas, ele estava se referindo a homens e mulheres negros que compõem a sua realidade e fazem parte da sua trajetória pessoal e enquanto psicólogo. Tanto que ao ser questionado sobre a relação entre as atividades da roda de conversa que coordena e as agendas feministas ele afirma: “Então, quando você fala “feminismo” me vem na cabeça o feminismo branco, sabe? (...) Existem as feministas negras, mas elas têm que marcar isso, é o “feminismo negro”!” (Entrevista realizada em 25/07/2020).

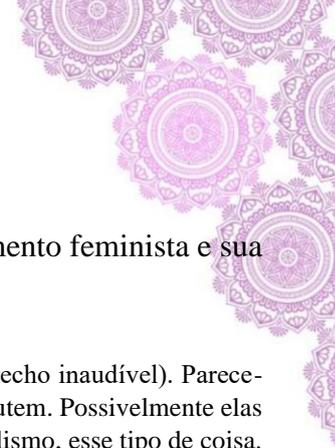
Nesse sentido, o entrevistado se sente mais próximo de um grupo de mulheres negras aos quais ele chama de mulheristas africanas que além de possuírem uma concepção de mundo afrocêntrica, entendem o “masculino” e o “feminismo” de forma integrada e não contraposta. Trata-se de uma cosmologia que une homens e mulheres negras que compartilham das mesmas opressões frente à dominação racial.

Por fim, perguntei ao entrevistado se as discussões realizadas por mulheres negras têm entrada nas discussões realizadas pela roda de conversa. O entrevistado afirmou que sim e me disse que uma parte considerável dos homens da roda participa das conversas impelidos por suas companheiras. Ou seja, além de motivações pessoais, pedidos de namoradas ou esposas podem ser um incentivo para a participação em grupos de homens.

“Então tem até alguns encontros interessantes que o cara chega com a namorada e a namorada fica lá embaixo no restaurante, tomando uma cerveja, enquanto ele tá na roda. E aí quando ele sai, reencontra a namorada, a namorada ou esposa, e aí vai embora. Assim, parece essa coisa assim da mãe deixar no portão da escola e falar “eu tô te esperando aqui na saída!”. (Entrevista realizada em 25/07/2020)

### Entrevista III

Na última entrevista realizada – com o coordenador de um grupo voltado a homens homoafetivos – a questão dos feminismos apareceu em menor medida, de forma tangencial, haja vista



que o entrevistado deixou claro desde, a primeira questão – a respeito do movimento feminista e sua pluralidade –, seu desconhecimento a respeito das agendas feministas<sup>7</sup>.

“Bom, eu não tenho conhecimento direto de grupos feministas. (Trecho inaudível). Parece-me que são vários. Agora eu não sei dizer o que realmente elas discutem. Possivelmente elas discutem, como é lógico pensar, elas discutem machismo, patriarcalismo, esse tipo de coisa. Mas eu particularmente não tenho informações mais claras.” (Entrevista realizada em 25/08/2020)

Ainda assim, perguntei ao entrevistado, se enquanto participante de um grupo masculino, ele teria algum posicionamento relativo ao “movimento de mulheres”. Nesse momento, ele retomou uma consideração comum à entrevistas anteriores: a que as atividades que giram em torno do “masculino” são complementares aos movimentos organizados por mulheres, demandando uma comunicação entre as partes: “Eu acho que as duas coisas são complementares e eu acho que os grupos precisam se comunicar de alguma forma” (Entrevista realizada em 25/08/2020)

O entrevistado também afirmou que os movimentos feministas são muito plurais e que algumas correntes feministas atacam os grupos de homens, o que ele julga uma atitude equivocada.

“Falta de conhecimento. Porque no fundo há uma necessidade na sociedade, no meu ponto de vista, de questionar o que é ser mulher, qual o papel da mulher, e o que é ser homem, qual o papel do homem. E nessa interface tem uma questão que atravessa isso que é, por exemplo, a transexualidade. Então é complexo.” (Entrevista realizada em 25/08/2020)

De maneira adaptativa, perguntei a ele se existe o debate sobre a diferença ou desigualdade sexual e de gênero no grupo. O entrevistado afirma que isso emergiu de alguma forma no trabalho do grupo, pois como a sua ação é fundamentada na bioenergética, que é assentada na psicanálise, há uma questão forte com os preceitos edípicos (a relação do sujeito com o pai e a mãe): “De certa forma, isso que você me pergunta, emerge porque eles começam a falar: a minha relação com a minha mãe, a minha relação com o meu pai. Então isso acaba permeando todos os diálogos.” (Entrevista realizada em 25/08/2020). Ao fim, o questionei se as desigualdades entre homens e mulheres estão entre as pautas de discussão. Segundo o entrevistado, a questão das desigualdades emergiu em alguns momentos, mas não foi um tema de debate. Em suma, o grupo não teria como finalidade discutir a cultura ou aspectos sociológicos, mas sim as próprias interações que se dão no interior da iniciativa. “O foco é a subjetividade de cada um na relação com o outro” (Entrevista realizada em 25/08/2020).

---

<sup>7</sup> Ressalto a incompreensão acerca de vários trechos dessa entrevista em razão de problemas na gravação realizada pelo próprio entrevistado na plataforma *Zoom*



Com isso, o grupo coordenado por ele se constituiria enquanto um grupo terapêutico destinado à homens homoafetivos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista parte da investigação realizada a respeito dos grupos de homens do DF, é possível afirmar que existem posições variadas entre os participantes desse tipo de iniciativa em torno das questões de gênero e sexualidade. Em outro momento do trabalho, tive a oportunidade de fazer uma observação direta dos grupos de *whatsapp* onde ocorriam a maioria das discussões na conjuntura de pandemia de covid 19 que restringiu os encontros presenciais. Lá foi possível observar que, assim como nas entrevistas aqui narradas, os interesses dos homens que decidem se abrir para o debate junto a uma coletividade masculina giram em torno de problemáticas que os afetam íntima e subjetivamente, sendo esses espaços, portanto, *lôcus* de *vazão* para muitas das suas inquietações particulares sob abordagens psicologizantes. Nesse sentido, o processo político que envolve a elaboração das masculinidades ou feminilidades tem sido deixado de lado, ainda que o próprio ato de questionar alguns dos preceitos que compõem o modelo socialmente chancelado de “homem” possa ser lido como essencialmente político por colocar em xeque relações de poder.

Enquanto fenômeno sociológico, os grupos masculinos podem convergir em direção a alguns preceitos feministas na medida em que as mudanças operadas em alguns desses homens, rumo ao que se chama de “masculinidade saudável”, contribuem para a produção de uma sociedade mais igualitária no tocante às questões de gênero, embora não se possa ignorar que: formas reatualizadas e sutis de machismo possam vir à tona nos discursos e práticas desses grupos, principalmente naqueles de matriz mitopoiética; e que essas iniciativas ainda são numericamente minoritárias, com grupos de homens cujo número de participantes pode chegar a menos de uma dúzia. Mas também não se pode deixar de ressaltar que a simples abertura de muitos homens para dialogar em torno das suas fragilidades pessoais e emocionais já os coloca na contramão da masculinidade hegemônica. Como qualquer “movimento”, os grupos de homens também são capazes de abrigar contradições.

## CITAÇÕES E REFERÊNCIAS

CONNELL, Raewyn. Políticas da Masculinidade. *Educação & Realidade*, vol.20, n.2, jul./dez. 1995.

KIMMEL, M.S., KAUFMANN, M. The new men's movement: Retreat and regression with America's weekend warriors. *Feminist Issues*, 13, 3–21 (1993).

VALADARES, Guilherme N. 129 projetos, iniciativas e pessoas que trabalham com a transformação dos homens, no Brasil e no mundo. *Papo de Homem*. Disponível em: [https://papodehomem.com.br/transformacao-homens-masculinidades-projetos- iniciativas-pessoas/](https://papodehomem.com.br/transformacao-homens-masculinidades-projetos-iniciativas-pessoas/). Acesso em: 30/10/2019.